Centro de Estudos Bahianos

MANUEL JOAQUIM DE SOUZA BRITO

CANTOS E FESTAS POPULARES

PUBLICAÇÃO 35

SALVADOR-BAHIA

Julho de 1957

21.903

O Centro de Estudos Bahianos, *fundado em* 1941 *com a finalidade de promover estudos de qualquer assunto referente ao desenvolvimento cultural e material da Bahia, exercendo função social e educativa, teve como fundadores, entre outros, Anfrísia Santiago, Afrânio Coutinho, Diógenes Rebouças, Antônio Balbino, Luiz Viana Filho, Nestor Duarte, Miguel Calmon Sobrinho, Rómulo de Almeida, Luciano de Sá, Oldegar Vieira, José Prado Valadares, Jorge Calmon, Elísio Lisboa, Herman Neeser, Afonso Rui, Osmar Gomes, Frederico Edelweiss e Oscar Caetano da Silva.*

Mantendo, por anos, semanalmente, mesas redondas, num trabalho eficiente e silenciôso, rigorosamente científico, nessas reuniões são relatados trabalhos de suma importância nos vários setores do conhecimento humano ligados à Bahia. Nasceram no Centro de Estudos o plano de modernização da cidade através do Epucs, o planejamento do Estadium Octávio Mangabeira pelo Eng. Leal Ferreira, o Teatro Castro Alves, de Diógenes Rebouças, a esquematização da monumental obra "Evolução Histórica da Cidade do Salvador", com que a Prefeitura da Capital contribuiu para as festas do seu quarto centenário de fundação, obra idealizada pelo falecido Osvaldo Valente e aprovada pelo Prefeito e centrista Elísio Lisboa.

Mantendo a publicação mensal de seus cadernos, que já atingem a mais de uma trintena, a solicitação e pedidos dêsses trabalhos, por Universidades nacionais e estrangeiras e centros de pesquisas e estudos evidenciam o seu valor publicitário e sua utilidade no campo da cultura baiana e nacional.

Sem apôio oficial, só por um milagre de boa vonta de e amor às coisas da Bahia se deve a sobrevivência do Centro de Estudos Bahianos *no momento utilitarista em que vivemos.*

A. R.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Estudos Bahianos, *querendo prestar sua contribuição ao* III Congresso Brasileiro de Folclore, *deliberou reunir, na presente publicação, quatro interessantes e sugestivos artigos sôbre aspectos folclóricos da Bahia, aparecidos, em 1895, no jornal literário* A Renascença, *que se editava nesta capital.*

Nina Rodrigues, *no seu grande livro* Os Africanos no Brasil, *diz supôr que os mencionados trabalhos fossem de autoria do doutor* Manuel Joaquim de Souza Brito, *um dos diretores da gazeta, poeta e crítico literário de destacada atuação nos meios intelectuais da Bahia em sua época.*

O Centro de Estudos Bahianos, *aceitando a informação de* Nina Rodrigues, *adotada como ponto de partida para o estudo do assunto, acolherá quaisquer esclarecimentos a respeito da autoria em apreço.*

ANO BOM

Eis que desaparece na noite caliginosa do passado mais um ano de nossa preciosa existência!

Eis que desponta no céu nebuloso de nosso porvir a aurora de um novo ano, alviçareiro, cheio de mil promessas e de mil sonhos côr de rosa.

E o que devemos fazer em tal conjuntura?

Chorar ou rir?!

Apedrejar, como faz o abíssinio com o sol, o ano que morre, e entoar hosanas ao ano que surge?

A alegria brilha em toda parte, transparece em todos os rostos e transformada em sorriso brinca em todos os lábios.

O homem, a eterna criança, que é louco pelo mistério do porvir, que adora o imprevisto do que há de ser e só nutre o seu espírito com a esperança falaz d'um futuro de glórias, saúda, avigorado na fé profunda de seus castelos, que jámais se realisam, a nova série de fatos que hão de desenrolar-se nos trezentos e sessenta e cinco longos dias que se vão suceder.

E quantas maldições, quantos doestos contra o infeliz que acaba de sucumbir ino-

cente, sem ter em nada concorrido para todas estas desgraças e infelicidades que lhe lançam às costas!...

As famílias reunem-se, cantam, dansam, tocam e debaixo de regosijos e festas enterram o ano; e quando bate a meia-noite, anciosamente esperada, canta o galo, estouram no ar os foguetes, estrondam os gritos de morras e vivas, misturando-se no espaço... aquí — é uma figura de velho barbaça que se queima debaixo de chufas e gargalhadas, alí é uma horda de vadios armados de carvão que riscam em todas as paredes com letras garrafais os seus vivas ao ano que surge e os seus morras ao ano que finda.

E faz gôsto ouvir-se no lar a narração dos acontecimentos e peripécias passadas, de desgostos, moléstias e infelicidades que se deram durante o ano que pasou, esquecendo-se ou raramente relatando-se as felicidades gosadas!

É regra sem exceção só dizer-se mal dos ausentes.

O dia seguinte ao de São Silvestre é o do Ano Bom (que talvez seja péssimo para muitos), surgem então os trajes domingueiros feitos especialmente para êste dia; cada qual quer estreiar sua roupa nova, pois é sabida a crença de que tudo que se faz nesse dia se fará no ano inteiro! Começam os cumprimentos, desejando bôa saída do velho e melhor entrada no novo ano; é um nunca acabar de festas, felicitações, parabens, vivas e presentes.

No entanto, refletindo-se bem, quanto deveria ser triste êsse dia!

O tempo marca de menos um ano de nossa vida, avançamos mais um passo para o nosso fim, que insensìvelmente se aproxima, as felicidades passadas e que não voltarão jàmais, quem nos garante que de novo as gosaremos?

As crianças, deixando a bela quadra inocente e sem cuidados, vão entrando pela juventude cheia das desilusões do amor.

A mocidade, essa primavera florida existência, avança para a decrepitude cheia de achaques e desesperanças.

São as dúvidas do futuro, as duras realidades do presente e as amargas saudades do passado que atravessam num cortejo de idéias pela imaginação dos que refletem na aurora dêsse que todos bem dizem e festejam.

Sim, é com pesar que devíamos saudar o dia em que desaparece na noite caliginosa do passado um ano de nossa preciosa existência e desponta no céu nebuloso do futuro a aurora dum novo ano, talvez o último de nossa vida, ou pelo menos, envolvido na densa nebulosa da dúvida, num porvir de felicidades que nos atraem como a miragem ao sequioso beduino nos areiais africanos.

Mas, deixemos dormir e sonhar a criança eterna, não a despertemos do macio ninho de suas crenças, embalado com a cantilena de suas esperanças.

Felizes os que crêem.
Benditos os que esperam.

3 de janeiro de 1895.

FESTA DE REIS

Gaspar, Belchior e Balthazar os legendários magos do Oriente que guiados por uma estrêla foram até Belém levando ofertas ao Messias é a página mais poética do Novo Testamento, é a lenda mais conhecida e mais festejada por todo o povo cristão.

A festa é de caráter inteiramente popular, quem a faz é o povo para divertir o povo.

Na véspera do desejado dia começa logo cêdo o movimento que aumenta gradativamente durante a noite inteira; é uma romaria que corre para os arrabaldes, principalmente para o Rio Vermelho e para a Lapinha, a pé, a cavalo, a carro ou nos bondes, em tropel, acelerada, empurando-se, machucando-se levantando poeira e desordens num afan de chegar cêdo para nada perder de tão apetecido divertimento.

Os arrabaldes iluminados a giorno, tendo nas suas praças corêtos onde tocam bandas de música e suas ruas e casas enfeitadas de laternas, bandeirinhas de papel e fôlha de palmeira; tudo respira a alegria sã e festiva dum povo que diverte-se afogando em seus inocentes prazeres os dissabores de sua vida afanosa.

A Lapinha, lugar único para onde devia dirigir-se a festa, porque é lá que encontra-se um presepe com a adoração dos 3 magos, Jesus, Maria e José representados por figuras

de tamanho natural, conserva sua igreja aberta toda a noite e durante três dias há missas, festas, foguetes, iluminação, fogos de artifício, etc.

Porém a nota característica da festa não é nenhum dos divertimentos supra mencionados. O que lhe dá nome é o rancho de reis.

O rancho ou reisado, como no centro do Estado o chamam, é um grupo de homens e mulheres mais ou menos numerosos, representando pastores e pastoras que vão para Belém e que de caminho cantam e pedem agasalho pelas casas das famílias.

Podemos dividir o rancho em duas categorias: o terno que é o rancho mais sério e mais aristocrata e o rancho propriamente dito que é mais pândega e democrata.

O terno só tem pastores e pastoras, é constituido por famílias, todos uniformisados de branco e uma outra côr que deve ser rigorosamente a mesma para todos, as vestimentas são todas iguais, às vêzes tudo branco e as moças vestidas de noivas. Vão arrumados aos pares, a dois de fundo — um pastor e uma pastora, cada uma destas com uma castanhola, cada um daqueles com um pandeiro, todos com uma flecha tendo no extremo uma lanterna acêsa. Êsses ternos são puchados por três ou seis músicos, não vão quase nunca à Lapinha, só cantam nas portas das casas conhecidas nas quais entram, comem, bebem e às vezes amanhecem dansando quadrilhas, polcas e valsas.

O rancho prima pela variedade de vestimentas vistosas, ouropeis e lantejoulas e sua música é o violão, a viola, o cavaquinho, o canzá, o prato e às vezes uma flauta; cantam

os seus pastores e pastoras por toda a rua chulas próprias da ocasião; os personagens variam e vestem-se de diferentes côres conforme o bicho, planta ou mesmo objeto inanimado que os pastores levam à Lapinha.

Antigamente os bichos eram a burrinha que representavam um rei montado e o boi dono do curral no qual veiu ao mundo o Redentor.

Hoje a bicharia da clássica arca de Noé ficou a perder de vista com a dos ranchos. É o cavalo, a onça, o veado, a barata, o peixe, o galo, o besouro, a serpente, a concha d'oiro e muitos outros animais, além de seres fabulosos como: a phênix, a sereia, o caipora, o mandú, de plantas e flôres como: a laranjeira, a rosa adelia, a rosa amélia, e até seres inanimados, como o navio, a corôa, o dois de ouro e outros.

Nos ranchos além de pastores, há balizas, porta-machados, porta-bandeiras, mestre-salas e ainda um ou dois personagens que lutam com a figura principal que dá o nome ao rancho.

Assim no do peixe há um pescador; no do cavalo um cavaleiro que as mais das vezes faz triste figura; no do veado ou da onça um caçador; no da barata uma velha armada de enorme chinelo; no do galo um guerreiro com armadura e capacete de folha de Flandres manejando uma enorme catana de papelão prateado; nos de flores ou plantas um jardineiro com um grande regador, no do navio há marinheiros, pilotos, contra-mestres, enfim, uma marinha inteira e uma fortaleza com que bate-se o navio.

Êstes ranchos vão até a Lapinha onde a comissão dos festejos dá um ramo ao primeiro que chega.

Todos êles cantam e dansam nas casas por dinheiro.

Suas dansas consistem num landú sapateado no qual a figura principal entra em luta com o seu condutor que sempre o vence; — depois jogam sempre dansando e cantando um lenço aos donos da casa que restituem-no com dinheiro amarrado numa das pontas e saem cantando, dansando, batendo palmas, arrastando os pés, num charivari impossível de descrever-se.

No dia seguinte êste povo dos ranchos, está rouco, afônico, suado, estropiado, dormindo o dia inteiro, porém pronto para recomeçar com as longas caminhadas e cantigas de reisados que duram pelo menos três noites consecutivas.

É esta a grande festa a que todo ano aflue a nossa população em romaria a pé, a cavalo, a carro ou nos bondes, em tropel, acelerada, empurrando-se, machucando-se, levantando poeira e desordens num afan de chegar cêdo para nada perder de tão apetecido divertimento.

10 de janeiro de 1895.

AS FESTAS DO BONFIM

O mais milagroso e festejado dos Santos que temos nesta cidade é sem contestação o Senhor do Bonfim, cuja rica igreja está colocada no aprasível arrabalde que tem o seu nome.

Toda sexta-feira, dia que lhe é consagrado, uma romaria de povo a bonde, a carro ou a pé descalço dirige-se logo pela madrugada à igreja do miraculoso Santo para ouvir as pomposas missas que são ditas neste dia, levando garrafas de azeite, velas ou *milagres* que consistem em quadros e peças de cêra representando moléstias e desgraças sucedidas aos seus portadores e das quais se livraram com vida graças à milagrosa intervenção do bondoso Senhor.

É com profundo respeito e veneração que descobrem as cabeças todos os passageiros dos bondes quando êste passam pelo sopé do monte sôbre o qual está situada a igreja, e as mulheres do povo estendem a mão e benzem-se pedindo-lhe a benção.

O templo luxuosamente adornado recebe maior número de devotos nas sextas feiras em que uma corporação inteira, uniformisada de branco, alegre, ruidosa, soltando foguetes, dando vivas e tocando música a invade levando ao seu padroeiro *o milagre*.

São operários duma fábrica que escaparam à explosão duma máquina; é uma família cujo chefe levantou-se de uma moléstia depois de desenganado pelos médicos ou são marinheiros duma barca que naufragou e que lhe trazem as velas de sua destroçada embarcação.

Os cômodos posteriores do templo têm suas paredes cobertas de alto a baixo dos quadros de milagres entre os quais se notam desde o fino colorido e desenho refaelescos, o que é raro, até o produto do tôsco lápis azul e vermelho do boçal pinta-monos, o que é em maior escala; e os tetos desaparecem sob camadas superpostas de pernas, braços, caras, peitos, joelhos, dêdos e mil outras peças de cêra representando partes do corpo humano e todas elas cobertas de horríveis chagas, pústulas e defeitos: monstruosos espécimes patológicos, sifilográficos e teratológicos de fantasia.

Libras e libras de cêra em velas de todos os prêços e tamanhos, litros e litros de azeite levado em garrafas, além de dinheiro depositado no cofre, são as esmolas que recolhe todas as semanas o adorado Santo.

As festas do Bonfim são de janeiro, e duram quase sempre as três últimas semanas do mês: um sábado começam as novenas do Senhor do Bonfim, na primeira quinta-feira depois é a Lavagem da igreja e no domingo a festa; no outro domingo é o dia de Nossa Senhora da Guia e do bando anunciador dos festejos de São Gonçalo que no último domingo encerram os divertimentos.

Desde que o capitão de mar e guerra Teodórico Rodrigues de Faria devoto do Senhor

Crucificado, passava esta imagem em 24 de junho de 1754, da igreja da Penha, onde a colocara pela Páscoa de 1745, para o alto chamado Bonfim, desde êste tempo que muito concorridas e pomposas têm sido suas festas desde o primeiro dia da novena até o de São Gonçalo.

As novenas são muito frequentadas não só pelos moradores do local, da Bôa Viagem, Monserrate e Itapagipe como até pelos da capital.

São de muita fama estas novenas, as quais duram até as nove da noite; são cantadas por senhoras e cantores do côro, acompanhadas a órgão, havendo todas as noites prática e sermão, ocupando a sagrada tribuna os nossos melhores oradores.

A lavagem na quinta-feira era uma verdadeira bacanal num templo cristão!

Negros aguadeiros e mulheres com potes dágua e vassouras em grande alarido de sambas e vivas entravam pela igreja com o fim de lavá-la e os cantos obcenos, os lundús e a bebedeira reinavam sem respeito ao lugar, sendo toda a cena representada por homens e mulheres semi-nuas e embriagadas!

Terminavam sempre com distúrbios, pancadaria, ciumadas, ferimentos e até, quando esquentavam-se os ânimos, davam-se casos de morte.

Felizmente o poder competente tem proibído semelhante festa.

No sábado à noite todos os ranchos de reis vão até o adro fazer seus descantes.

O domingo do Bonfim é uma festa de igreja como qualquer das nossas tendo só mais arrôjo e mais luxo.

A tradicional segunda-feira é que é única na espécie porque faz a festa quem a ela vai.

O arrabalde de Itapagipe sendo o maior dos circumvisinhos à igreja é o único capaz de dar agasalho ao povo cansado do domingo que não pode voltar para suas casas, na segunda-feira, êste povo de corpo mole por causa da pândega da véspera, faz dia santo e começa a divertir-se em ranchos pelas ruas bebendo, cantando e dansando; êste movimento vai chamando gente de outros lugares a qual reune-se a êstes que divertem e eis a segunda-feira do Bonfim.

E' uma festa de caráter poular, nela se nota a feição que imprimiram na imaginação do povo os acontecimentos do ano; um trovador anônimo tem sempre um novo canto, feitò propositalmente para o dia.

Um ano é a *Maria Terêsa,* outro é o *Zum, zum, zum, a cachaça mata um,* outro é o *Viva quem tem bigode,* outro é o *Aleixo;* e vai assim a musa poular sempre com uma alusão adequada ao acontecimento do ano que mais a impressionou, cantando e ridicularisando tudo.

Êste ano, além do *Vá saindo,* que está na ponta a quadrinha mais cantada foi:

Ó Sussú socegue,
Vá dormir seu sono,
Stá com medo — diga,
Quer dinheiro — tome.

Começam em seguida as novenas de Nossa Senhora da Guia que são menos aparatosas que as do Bonfim sendo no domingo a festa desta Santa não menos estrondosa e bonita

que a do padroeiro, havendo muita concorrência para ver principalmente o bando anunciador de São Gonçalo.

O nosso pove sempre gostou muito do carêta!

O São Gonçalo, finalmente, é o padroeiro das solteironas, daquelas que aos quarenta anos ainda suspiram pelas cebolas do Egito, e não se resignam nem a mão de Deus Padre e ficarem para tias.

São Gonçalo é muito concorrido, pela razão acima apresentada e por ser o feche das festas.

É o casamenteiro das velhas, dizem, e as titias não se inibem de levar-lhe uma vela afim de que êle se comova com os seus infortúnios.

A musa popular diz indicada pela voz dum trovador, moço com certeza:

São Gonçalo, São Gonçalo,
Casamenteiro das velhas!
Porque não casais as moças?
Que mal vos fizeram elas?

E contra a opinião das maduras achamos que o trovador tem razão.

Com o de São Gonçalo terminam os festejos do milagroso Senhor do Bonfim que é o mais querido e o mais rico dos nossos Santos.

24 de janeiro de 1895

CANTOS E FESTAS POPULARES

Consta-nos que têm dado pasto a muita crítica feita de bôca pequena os artigos por nós publicados nos números 15, 16 e 18 da RENASCENÇA e que têm por título ANO BOM, A FESTA DE REIS e AS FESTAS DO BONFIM.

Acham os tais críticos que os aludidos artigos não são dignos da nossa revista por se ocuparem de assuntos frívolos e sem importância para um jornal que timbra em dedicar-se sòmente a bôa e sã literatura.

Não imaginam os nossos leitores o quanto nos enchem de satisfação estas críticas.

Por mais de um motivo, como passaremos a expôr antes de entrarmos na apreciação do êrro em que laboraram, por mais de um motivo, repetimos, ficamos contentes.

Em primeiro lugar, a crítica bôa ou má sempre indica que em nossa terra se lê alguma coisa de literatura e que esta alguma coisa é a nossa humilde revista; o que ; para nós altamente lisongeiro.

Em segundo lugar, com ou sem razão, que êste ou aquêle artigo não está na altura da nossa fôlha é um elogio que muito nos honra.

Finalmente, em último lugar, estas críticas dão motivos a que entabolemos com os

nossos leitores uma discussão mais íntima e fornecem assunto para uma porção de artigos nos quais ficam esmiuçadas coisas sempre de importância para todos nós.

Citemos como exemplo do que acabamos de dizer a questão *Frivolino — Almeida* que tivemos com *O Paiz* do Rio e com um articulista do *Diário da Bahia*.

Como sabem os leitores, um artigo escrito em o nosso número 6 com o título A NOVA ORIENTAÇÃO LITERÁRIA, deu orígem, graças às críticas do Frivolino e do Almeida, aos artigos: *"As frivolidades do País"* do número 9, *As doenças do naturalismo* do número 10. *De quarentena* do número 11, *Gramatiquices* do número 13 e *O imperavito português* do número 14.

Seja ou não favorável a crítica, temos sempre como se vê, a lucrar com ela; fornecenos sem muito trabalho assunto para muitos artigos e ficamos certos de que merecemos a honra de se ocuparem de nós.

Expostas as razões pelas quais recebemos com prazer a notícia, de que nos criticam, passemos a descrever o plano por nós engendrado para replicarmos a crítica.

Queremos provar que não se pode taxar de frívolo e sem importância qualquer artigo que tenha por assunto a descrição minuciosa das festas populares mesmo quando êle transcreve as cantigas e chulas improvisadas pela musa do povo.

Mostraremos que escritores de nomeada e até sábios não se pejaram de ocupar-se com o importante estudo das festas e canções populares de todos os países e em todos os tempos, desde remota antiguidade.

Em uma série de artigos, que sucederão a êste, iremos citando os autores e as obras que se escreveram sôbre as festas e canções de cada povo de per si.

O estudo crítico e comparado dos romanceiros, antologias, florilégios, musas populares, ,folclore, etc., fará a luz sôbre a questão e dirá se têm razão os que menoscabam das produções improvisadas pelo povo e de suas manifestações de alegria.

É sempre pela poesia que começa a expansão literária dum povo, a tradição popular é que dá a feição de uma literatura, portanto parece-nos lógico, sem precisão talvez de nenhuma bagagem de citações de autores, que qualquer coisa que se escreva tratando desta poesia, estudando suas produções ou imprimindo-as é um serviço de grande utilidade e alcance prestado às letras pátrias.

Descrever as festas do povo, narrar as suas expansões religiosas, patrióticas ou de qualquer outra espécie, é estudar e perpetuar pela imprensa o seu caráter e a sua índole, seus costumes, suas crenças e o gráu de civilização a que êle tem atingido.

Negar o valôr e a importância destas coisas é não ter a mais leve intuição do que seja a nacionalidade.

A poesia atual evoluiu-se da dôce cantilena dos trovadores anônimos e analfabetos, dos improvisadores das xácaras e rimances portuguêses, dos arrazoados e ciranas brasileiras.

O conto e o romance nasceram das histórias das mil e uma noites e dos contos da caroxinha.

O drama teve sua orígem nos diálogos jocosos de Arlequim e Polichinelo e nos autos populares que imortalizaram Gil Vicente.

Se a tradição não é uma literatura completa é pelo menos a base sôbre que ela repousa.

É a tradição o berço em que a civilização vai buscar o embrião de seus produtos literários.

É ela o bloco que a erudição desbasta, aperfeiçôa e lima para dêle tirar o drama que nos emociona, a poesia que nos encanta, e romance que nos atrai.

Só despresa o valôr de tudo isto aquele que, desconhecendo as belazas naturais de seu país e as tradições de seu povo, ocupa-se exclusivamente com a calhandra e o rouxinol, o carvalho e a landes; a laca, o jalde, o dragão, o mandarim e o bonzo da China; os olhos oblíquos e em fórma de azeitonas da japonesa; o albornoz, o iatagan, a tenda e o cavalo beduino; o coxim de penas da odalisca, o eunuco e as huris do sultão e outras quejandas coisas dos países estrangeiros, só com o fito de ostentar a fôfa erudição duma ciência fàcilmente adquirida nos livrinhos de meia pataca da Bibliotéca do Povo e das Escolas.

Continuaremos.

7 de março de 1895